

Etnicidade: um conceito altamente tóxico

“Na sua evolução a cultura também gera monstros circunstanciais como o representado pelo conceito de etnicidade”, mas “o poder cognitivo da (melhor) literatura consegue abrir canais de contacto” positivos, salienta neste texto o prof. da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e ensaísta, autor designadamente de livros sobre as obras de José Saramago e Herberto Helder

MANUEL FRIAS MARTINS



Somos os melhores. Este é um não dito instalado mais frequentemente do que seria desejável no pensamento de muitos cidadãos (de qualquer nação) quando se comparam com outros de diferentes nacionalidades. Tem dado origem a anedotas com alguma graça, é certo, mas é um péssimo sinal. Se pensarmos assim, abandonando o princípio da convivência humana, então emerge a possibilidade do mal cuja radicalização só traz consigo violência e tragédia. Várias serão as legitimações e racionalizações posteriores a barbáries diversas, mas todas elas terão na sua essência a cegueira implícita na desfiguração da significância histórica do Outro.

O conceito de etnicidade é hoje um dos investigadores mais ativos daquela cegueira, e um dos mais perigosos legitimadores da violência física ou simbólica que pode ser exercida sobre o Outro. Muitas vezes usado de boa fé, o conceito de etnicidade existe, no entanto, numa ordem conflituosa de representação ideológica que é urgente dilucidar e, se possível, denunciar como uma das congeminções intelectuais mais tóxicas que a cultura ocidental já produziu.

Devo confessar que a minha aversão ao conceito de etnicidade - que encontramos por vezes aliado à ideia de identidade nacional, e sobretudo a algumas das suas expressões violentas -, foi reforçada (ou definitivamente esclarecida) por um episódio que me foi dado viver há vários anos atrás. No âmbito da participação num



O Mercado de Veneza, encenação de Ricardo Pais

Encontro literário internacional realizado na Croácia, em 2011, integrei um grupo de pessoas que no último dia de trabalhos fez uma visita à cidade de Vukovar. Importa dizer que o tema do Encontro, 20 anos depois do início da guerra da independência croata, era “A Guerra na Literatura - A Literatura na Guerra”.

Fiquei impressionado com o que me foi dado ver relacionado com a memória da guerra na antiga Jugoslávia. No regresso a Zagreb assistimos a um documentário sobre a batalha de Vukovar, no qual se incluía o retrato literário e biográfico de um jovem escritor que havia morrido na defesa da cidade. Entrevistada a sua namorada, esta relatou que quando foi interrogada a primeira coisa que um dos soldados do exército jugoslavo (servio) lhe perguntou foi, e cito de cor, mas com exatidão: “Qual é a sua

origem étnica”? E a jovem acrescentou a sua surpresa perante aquela pergunta: “Eu desconhecia o significado de étnico. Nem sabia que eu era étnica”. As palavras desta jovem deram a todo o episódio uma significação humana e um alcance intelectual únicos, tornando ainda mais viva a convicção que já tinha de que a fabricação e a utilização de conceitos legitimadores da experiência não são neutras nem inocentes.

PELO MENOS DESDE KANT E SCHOPENHAUER, sabemos que todos os conceitos se baseiam em intuições empíricas. O que podemos extrair de qualquer conceito (excluindo os conceitos matemáticos, que são conhecidos *a priori*) é exatamente o que nos é revelado pela experiência contida nessas intuições. E tal como eu vejo a experiência histórica subjacente às várias teorias da etnicidade, para

já não falar do uso ligeiro do conceito no dia a dia em associação com a raça, o conceito de etnicidade está impregnado com pelo menos dois aspetos alarmantes.

Em primeiro lugar, o conceito de etnicidade é frequentemente entendido segundo uma perspectiva evolucionista que separa os seres humanos consoante a sua proximidade com o que é considerado um estado natural de existência. Segundo esta perspectiva, na Austrália, por exemplo, só os aborígenes parecem ser “étnicos”. Hoje em dias eles já não são selvagens, são unicamente “étnicos”. África oferece também uma longa lista de casos deste tipo (veja-se Amselle, et al, orgs. 1985), e o imenso continente americano tem sem dúvida uma longa e dramática história para contar a quem quiser ouvir. Aceita-se hoje sem dificuldade que em todos estes continentes os respetivos povos indígenas até podem ter uma história. Mas a essa aceitação sobrepõe-se frequentemente a ideia (ou o preconceito) de que muitos ou quase todos esses povos também revelam muitas “carências” de civilização.

Em segundo lugar, o conceito de etnicidade tem uma história relacionada com a dominação colonial (e mesmo com vários processos de descolonização no século XX) que inevitavelmente coloca o campo semântico da palavra etnicidade num quadro muito específico que se sobrepõe a qualquer “nobre” tradição filológica em que a palavra pudesse ter existido. Penso concretamente naquilo a que P. Chrétien chama fantasmas de referência [*fantômes de référence*] para descrever o modo como as administrações coloniais usaram critérios “étnicos” para desvalorizar grupos de habitantes locais que se definiam a si mesmos de maneira diferente dos europeus (Chrétien, 1989). Rebaixando os costumes e a cultura dos habitantes locais, por vezes até promovendo características de alguns grupos em detrimento das de outros quando tal se mostrava útil, as autoridades coloniais puderam continuar a

Os protocolos de introversão identitária associados às teorias da etnicidade acabam por isolar o grupo “étnico” numa singularidade que faz dele vítima de práticas sociais segregacionistas

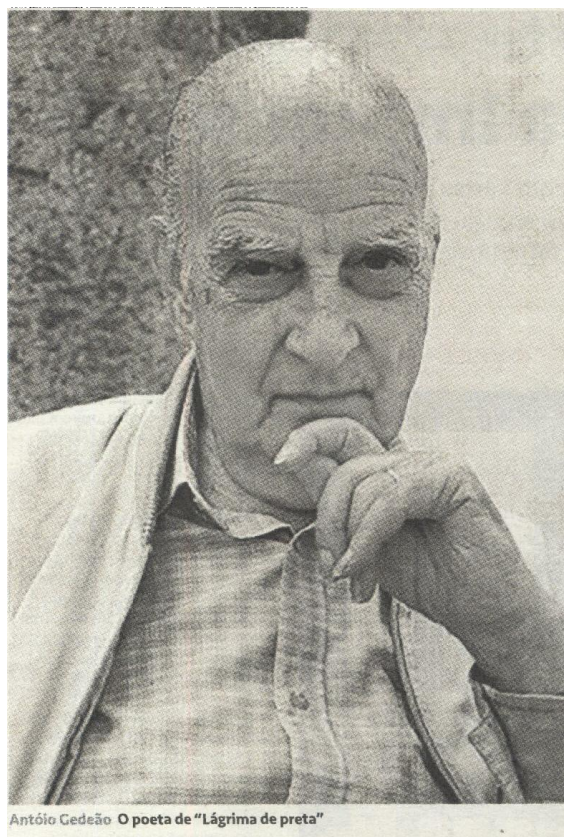
controlar as populações segundo as suas conveniências.

NESTE CONTEXTO, IMPORTA RECORDAR a tragédia que aconteceu no Ruanda em meados dos anos 90 do século passado. Ao longo do século XX, "cientistas" ou "especialistas" em raças humanas "fabricaram" dois grupos culturais, Hutus e Tutsis, como grupos étnicos totalmente diferentes dentro dos povos bantus. A principal intenção era assegurar uma divisão favorável ao prolongamento do domínio colonial belga. Mas chegada a hora, Hutus e Tutsis mataram-se uns aos outros erguendo a bandeira das suas "diferenças" étnicas num dos mais violentos e demenciais conflitos da época pós-colonial.

Infelizmente, exemplos como aquele continuam a reproduzir-se um pouco por todo o planeta. Por exemplo, nos finais de 2017 algumas notícias ficaram ao dispor dos (poucos) interessados no paulatino e violentíssimo genocídio de que tem sido vítima a comunidade Rohingya, em Myanmar. As chamadas diferenças "étnicas" - isto é, as diferenças derivadas sobretudo de se ter uma língua própria e outra religião (islâmica num contexto esmagadoramente budista) - continuam a ser invocadas, particularmente pelas várias ditaduras militares que têm governado o país a partir dos anos 70 do século XX, para legitimar torturas, mortes, violências sexuais; para lhes retirar a nacionalidade e negar direitos tão básicos como o direito à educação e, finalmente, para expulsar os Rohingya de um território que eles habitam há séculos (veja-se, entre outras fontes online, a reportagem de Geoffrey Gettleman, do *New York Times*, referida na bibliografia).

Embora com algum esforço, posso mesmo assim aceitar que as explicações "científicas" para o conceito de etnia ou de etnicidade surgiram com intenções relativamente benignas, nomeadamente as de identificação e distribuição categorial de povos e culturas. É esse facto que pode justificar, por exemplo, a classificação ingénua, embora altamente idiota, que se encontra num artigo do *New York Times* (9/9/2020) escrito a várias mãos acerca da ingente certeza de quais são as "922 pessoas mais poderosas da América" (veja-se a bibliografia). Ai se refere que os lusodescendentes norte-americanos não são brancos porque pertencem ao grupo "étnico" ibérico dos hispânicos.

É HOJE EVIDENTE QUE A EVOLUÇÃO EPISTEMOLÓGICA na consideração do problema da etnia ou da etnicidade não pode ser desligada da (nova) coerência racional que foi trazida pela violência da experiência histórica e das respetivas tragédias que hoje se encontram associadas ao conceito. Os danos causados pelo



António Gedeão O poeta de "Lágrima de preta"



conceito de etnicidade tornam-se, por isso, extremamente perigoso, particularmente nas suas versões instrumentalistas, as quais definem a identidade étnica segundo um modo totalmente não histórico baseado na mistura de critérios fenotípicos (assentes sobretudo em elementos genéticos e ambientais), com critérios culturais (principalmente a língua) e critérios confessionais (as diferenças religiosas).

Na verdade, não consigo des-cortinar qualquer vantagem no uso do conceito, particularmente porque os protocolos de intro-versão identitária associados às teorias da etnicidade acabam por isolar o grupo "étnico" (entretanto identificado ou que se pretende identificar) numa singularidade

que, na maior parte das vezes, faz dele uma vítima de ações ideológicas preconceituosas e de práticas sociais segregacionistas.

Muitos dos ódios que campeiam nos nossos dias encontram amparo no conceito (impensado ou irrefletido) de etnicidade e na intelectualização dos seus vários usos. É por isso, aliás, que compreendo algumas das razões por que etnologia e sociologia acabaram por se separar. Prova-o a análise que o sociólogo da Universidade de Chicago, René D. Flores, fez no twitter do já citado artigo do *New York Times* (veja-se a bibliografia).

Regressando ao elemento literário que me guia na vida e no conhecimento dela, o poder cognitivo da (melhor) literatura consegue abrir canais de contacto e estabelecer relações entre grupos "étnicos" que estão tão livres de implicações identitárias, ou que tanto desacreditam a sua rotulagem étnica, que acabam por desmistificar quaisquer características étnicas que alguns "etnocietistas" possam ter catalogado. A peça de teatro *O Mercador de Veneza*, de William Shakespeare (século XVI), o conto intitulado *A Esposa da Sua Juventude*, do norte-americano Charles W. Chesnut (século XIX), o romance *O Deus das Pequenas Coisas*, da indiana Arundati Roy (século XX), o poema "Lágrima de Preta", do português António Gedeão, são

quatro obras particularmente relevantes neste domínio. A sua escolha é tão-só uma escolha de autores que me interessam, mas inúmeros outros textos literários poderiam ser propostos textos em quase todas as línguas e de todos os tempos.

Em suma, na sua evolução a cultura também gera monstros circunstanciais como o que é representado pelo conceito de etnicidade, demonstrando em consequência que a cultura não é só o universo onde a felicidade habita; a cultura é também um multiverso por onde o mal circula. JL

Obras citadas: Amselle, Jean-Loup & Elikia M'Bokolo (eds.), *Au Cœur de l'ethnie: ethnies, tribalism et État en Afrique*. Paris. La Découverte; Chrétien, Jean-Pierre & Gérard Prunier (eds.), *Les ethnies ont une histoire*. Paris: Karthala; Flores, René D. (10/9/2020). https://twitter.com/rd_flores/status/1304145645918248960; Gettleman, Geoffrey (2017). *Rohingya recount atrocities. 'They threw my baby into a fire'*. URL: <https://www.nytimes.com/2017/10/11/world/asia/rohingya-myanmar-atrocities.html>. Vários: <https://www.nytimes.com/interactive/2020/09/09/us/powerful-people-race-us.html>; <https://sicnoticias.pt/mundo/2020-09-14-New-York-Times-diz-que-congressistas-lusodescendentes-nao-sao-brancos?fbclid=IwAR3kg6QqLSLoSyd-mDODRfVUKVC7RebS-px7YaXwqPb2RXwzrGscUArUDdub4>